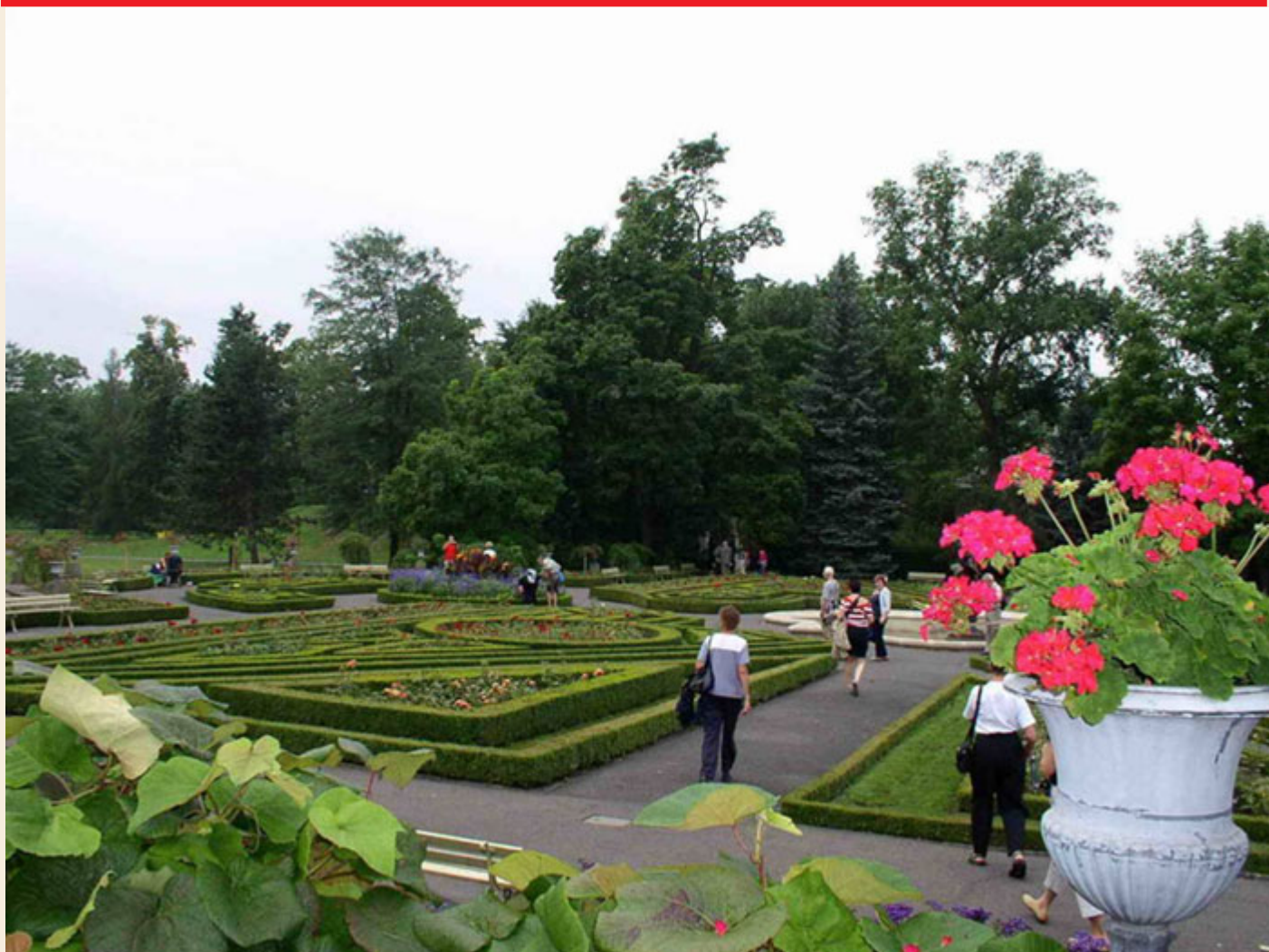


Revista Cekaw

ISSN 1982-6362

Fevereiro
2009
Ano III Nº 06



Jardim nos fundos do Palácio Wilanow - Polônia

O lançamento desta sexta edição da Revista CEKAW representa a continuidade deste trabalho importante, que somente pode ser feito com a colaboração de pessoas de diferentes lugares, que lutam pelo resgate da memória dos polono-descendentes.

Nesta edição temos o prazer de contar com dois novos colaboradores. Iraci José Marin, de Caxias do Sul, que nos conta um pouco da experiência interessante de visitar a Polônia e nos ajuda a conhecer um pouco mais da nossa terra-mãe através de fotos e textos e Fabricio José Nazzari Vicroski, de Erechim, que nos possibilita com seu belo texto conhecer mais uma figura de destaque de nossa etnia.

Agradecemos a todos os que colaboraram para a edição desta revista, publicando textos ou promovendo a aproximação entre este Centro de Estudos e os pesquisadores, assim como agradecemos aos leitores pelo apoio e confiança em nosso trabalho.

Aproveitamos para convidar a todos os pesquisadores que venham participar das novas edições divulgando seus trabalhos, colaborando com o Centro de Estudos e ampliando os conhecimentos sobre a cultura e história de nossos antepassados.

UMA HOMENAGEM PÓSTUMA

Por Ademir J. K. Grzesczak, Presidente do CEKAW.

Quero aproveitar este editorial para uma referência a uma pessoa que nos abandonou recentemente e que sempre foi exemplo na comunidade polônica Porto Alegre: Janina Petryla Figurski, chamada carinhosamente por todos de Panie Figurska.

Seu falecimento no último dia 30 de janeiro deixou a comunidade muito triste e foi mais uma perda para a memória de nossa comunidade, o conhecimento das famílias e da história local que ela possuía era fabuloso, desenvolvido ao longo dos muitos anos de atuação na Sociedade Polônia de Porto Alegre.

No final de 2005 tive a oportunidade de entrevistá-la juntamente com Estácio Nievinski Filho, podendo desta forma colaborar um pouco para que sua memória possa ser passada às novas gerações de pesquisadores. Mas infelizmente a cada dia que passa mais fragmentada vai ficando a memória de nossa comunidade, por isso temos que buscar meios de preservá-la, e se cada um fizer sua parte isso é possível.

Segue uma foto que tiramos na oportunidade desta entrevista em 2005 e o obituário escrito pelo colega Estácio Nievinski Filho.



Faleceu no dia 30 de janeiro Janina Petryla Figurski. Nascida Grybów, Polônia, emigrou em 1935 para a Argentina, vindo dois anos depois para um convento em Curitiba. Trabalhou como professora em diversas localidades da região sul, onde havia poloneses. Passando a residir em Passo Fundo, iniciou curso de enfermagem. Apaixonada por literatura, fazia empréstimos dos livros da Sociedade Polônia. Na troca de correspondências com o secretário da associação, vieram a se conhecer e casar.

Chegando a Porto Alegre, começou a participar das atividades culturais da Sociedade, criou e ensinou nos grupos teatrais, coro e danças folclóricas. No interior do estado ensinou nas cidades de Erechim, Criciúma, Áurea, entre outras.

Figura ativa nas comemorações do Milênio Polônes e Biênio da Imigração Polonesa no RS, recebeu diversas condecorações do governo polonês.

Durante mais de três décadas foi bibliotecária da Sociedade Polônia, constituindo uma referência cultural para toda a comunidade polonesa. Deixa as filhas Danuta e Helena, netos e bisnetos.

Estácio Nievinski Filho

Expediente

A Revista Cekaw é uma publicação digital do Centro de Estudos Polono-Brasileiros Karol Wojtyła.
Av. Baltazar Oliveira Garcia, 2315 - POA/RS
Endereço Eletrônico: <http://www.cekaw.org>

Conselho Editorial:

Ademir J. K. Grzesczak
Paulo Gilberto Geliski
Diego de Leão Pufal
Elizara Nunes
Estácio Nievinski Filho

Coordenação e Editoração: Ademir J. K. Grzesczak
Jornalista Responsável: Rafael Lorenzato - DRT-RS 12887

Colaboração:

Czeslau Barczak
Fabricio José Nazzari Vicoski
Iraci José Marin

As opiniões emitidas por nossos colaboradores não significam, necessariamente, a opinião do CEKAW.
Contato para participar com artigos, sugestões e críticas:
cekaw@cekaw.org

Para saber como publicar textos em nossa revista, acesse o link Revista na página principal do CEKAW e em seguida clique em Instruções para Publicação.

FONTES PARA A GENEALOGIA: O PROCESSO DE HABILITAÇÃO DE CASAMENTO (V) - SÃO MARCOS

Por Diego de Leão Pufal, bacharel em Direito e Genealogista.
diegopufal@gmail.com - <http://pufal.blogspot.com>

Na revista do CEKAW de número três iniciou-se a transcrição das habilitações de casamento de Alfredo Chaves, hoje Veranópolis, encerrando-se na de número cinco, relativamente aos imigrantes poloneses, russos e alemães. Nesta edição, embora existam processos do segundo distrito de Veranópolis já compilados e inéditos, optou-se por publicar os feitos da colônia de São Marcos, enquanto sétimo distrito de São Francisco de Paula, existentes no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, também núcleo de imigração polonesa.

Antes de dar início à citação dos processos, necessário tecer breve histórico do município.

Conhecida como “São Marcos dos Polacos”, localiza-se na confluência do rio São Marcos (de quem tomou o nome) com o rio das Antas. Em 1886 iniciou-se a medição oficial, após ter sido desapropriada pelo Governo Imperial Brasileiro. Em seguida a este fato, em 1890, *“uma leva de 450 famílias de agricultores poloneses, oriundos da região de Varsóvia, Plock e Kalisz, então sob o domínio russo, decidiu-se a emigrar para o Brasil em busca de um pedaço de terra para trabalhar livremente”* (A. V. Stawinski, p. 65). Contudo, em razão de um surto de epidemia que, em quatro meses, ceifou a vida de uma centena de crianças nos barracões dos imigrantes, e ante a ausência de terras na Colônia Caxias, já superpovoada pelos colonos italianos, a única alternativa foi inscreverem-se para a recém criada Colônia São Marcos.

“Em abril de 1891, empreenderam, finalmente, a caminhada mato adentro, andando por montes e vales. (...) A cada família foi destinado um lote colonial de 12,5 hectares, mas sem casa de moradia, sem benfeitorias, sem lavouras e sem estradas. Exigia-se pela concessão do lote a quantia de 500\$ (quinhentos réis), pagáveis em dez anos.” (op. cit., pp. 65/66). Muitas dessas primeiras famílias foram citadas por Stawinski (op. cit., pp. 68/69), após analisar os registros de batismos da paróquia de São Marcos, entre 1897 a 1910. São elas: Adamski, Antoniak,

Antkiewicz, Baronowski, Barczak, Bedra, Binkowski, Budka, Bukowski, Cepkowski, Chmiel, Cichaczewski, Cichocki, Cielecki, Cieslak, Cybulski, Czeskowski, Dombrowski, Dereng, Dembinski, Faligurski, Falkowski, Filipiak, Fidlerski, Gamzala, Gajewski, Glowacki, Gogolewski, Golynski, Gostynski, Graborek, Grabowski, Gral, Grzecka, Grzegorzewski, Grzejorski, Grzybowski, Gwiazdecki, Harczewski, Harka, Jaguszewski, Jakubowski, Jankowski, Juchniewski, Kaczanowski, Kaczmarek, Kalinowski, Kaminski, Kanogowski, Karczewski, Karpinski, Kerber, Kindzielski, Kitel, Klosinski, Kopczewski, Koralewski, Kotnowski, Lewandowski, Lipowski, Lipski, Lorenz, Maciejewski, Madajczyk, Malinowski, Marciniak, Miechlanski, Micolajczyk, Milewski, Modkowski, Morawski, Mroczkowski, Namród, Nowacki, Nowakowski, Ogrodowski, Ogrowczyk, Olkowski, Ostrowski, Oltowicz, Palaczewski, Pawelkiewicz, Pawlak, Petyk, Piotrowski, Piotrzak, Pogorzelski, Rosiak, Rozentalski, Rozpendowski, Rudnicki, Rybinicki, Rutkowski, Ryficki, Ryl, Sarnowski, Sawicki, Sempkowski, Sierocinski, Skirzynski, Smolarek, Smolinski, Sobanski, Sobieraj, Sobolewski, Sokolowski, Stawinski, Stempkowski, Stodulny, Stolarski, Studzinski, Strzelecki, Szczepanski, Szymanowski, Szymanski, Sliwinski, Styburski, Tomaszewski, Tomkel, Ukaszewski, Urbanski, Warunka, Wisniewski, Wieszcynski, Wietrzykowski, Wieczorek, Wilanowski, Wisocki, Wilicki, Wolczak, Wolski, Wozniak, Wróblewski, Zamiatowski, Zarembski, Zielinski, Zielak, Zachocki, Zechanowski, Zyszcak e outras.

Pelo considerável contingente de imigrantes poloneses, estranhou-se o fato de existirem muitos poucos processos de habilitação de casamento de São Marcos, num total de trinta e um. Supõe-se, pois, que os primeiros tenham se perdido e/ou não tenham sido remetidos ao Arquivo Público do Rio Grande do Sul, até mesmo porque os lá existentes datam das décadas de 1910 e 1920.

Outro fator que merece relevo para o “esvaziamento” da colônia São Marcos, a partir da metade da década de 1900 (circunstância que justificaria até certo ponto os diminutos casamentos encontrados), foi citado por Alberto Victor Stawinski (op. cit., p. 67): *“Com seu trabalho persistente os poloneses atingiram bom nível de prosperidade, sentindo-se mais felizes em sua pátria adotiva, do que na própria Polônia sob a dominação de russos e de patrões. De ano em ano verificava-se que o número de novas famílias ia aumentando. Um pensamento preocupava os poloneses: a falta de espaço vital para os filhos casadouros. Sabiam, perfeitamente, que meia colônia de terreno acidentado e pedreguento não assegurava o futuro de seus numerosos filhos. Convenceram-se, pois, de que para eles só havia um meio de solucionar o crucial problema:*

procurar novas terras para si e para os filhos. Foi o que fizeram. Tão logo tiveram notícias da nova colonização do Vale do Alto Uruguai e do Rio do Peixe, apressaram-se a vender por qualquer preço o meio lote de terra acidentada e imprópria para a cultura de cereais, indo comprar uma ou duas colônias de terras mais planas e mais férteis. Resultou daí que, de 1907 em diante, uma a uma, quase todas as famílias polonesas se abalaram para o norte do Estado ou para os Estados de Santa Catarina e Paraná.”

Seguem-se, assim, as habilitações compiladas:

- **BUDKA, Bonissoaf e MICHELIN, Catarina** – aut. 08-01-1918. Ele solteiro, n. 09-03-1899, Brasil, filho de João Budka e Theóphila Modtkowska, ele com 40 anos, ela com 39 anos, nats. da Polônia-Russa e aqui res. Ela n. 05-04-1898, Brasil, filha de João Modtkowski, com 43 anos, nat. Itália (sic), e Ana Chemelo, n. Itália e fal. há cinco anos, com 38 anos. Não consta data de casamento. (cx. 04)

- **CICHAZWSKI, Ladislau e GREGORESKA, Ana** (na capa: Ana Cichazwska) – aut. 14-07-1916. Ele n. Polônia-Russa, agricultor, 31 anos, aqui res., filho de Bartholomei Cichazwski e Antonieta, aqui res. Ela n. RS, 25 anos, solteira, filha de Inácio Gregoreski e Antonina, aqui res. Casaram em 31-07-1916. (cx. 04) (vide abaixo Antônio Cikachewski e Brunisswa Stempkowski; Ludovico Cikachweski e Ana Polo)

- **CIKACHEWSKI, Antônio e STEMPKOWSKI, Brunisswa** – aut. 01-04-1918. Ele solteiro, aqui res., agricultor, n. 03-05-1893, Brasil, filho de Bartolomeu Cikachweski e Antonina Priunska, ele com 58 anos, ela com 50 anos. Ela n. 15-08-1900, Brasil, filha de Valentim Stempkowski e ladwiga Klochinska, ele com 58 anos, ela com 50 anos, aqui res. Casaram em 20-04-1918. (cx. 04) (vide acima Ladislau Cichazwski e Ana Gregoreska; vide abaixo Ludovico Cikachweski e Ana Polo)

- **CIKACHEWSKI, Ludovico e POLO, Ana** – aut. 02-04-1918. Ele assina Cichachzveski, solteiro, n. 20-06-1889, São Marcos, agricultor, filho de Bartolomeu Cikachewski e Antonina Prinska, ele com 58 anos, ela com 60 anos, aqui res. Ela n. 20-10-1899, São Marcos, filha de Felice Pólo e Páscoa Francischini, ela com 46 anos, ele com 48 anos, aqui res. Casaram em 20-04-1918. (cx. 04) (vide acima Ladislau Cichazwski e Ana Gregoreska e Antônio Cikachewski e Brunisswa Stempkowski)

- **DAL PRÁ, Santo e RACHAKA, Maria** – aut. 06-11-1918. Ele solteiro, n. 24-04-1896, RS, agricultor, filho de João Dal Prá e Beatriz Valério, ele com 58 anos, ela com 59 anos, aqui res. Ela n. 22-01-1894, filha de Antônio Rachaki e Catharina Bosko, ele com 54 anos, ela com 48 anos, aqui res. Casaram em 23-11-1918. (cx. 04)

- **GOBBI, Santo e VECHINSKI, Joana** – aut. 06-02-1916. Ele maior de 21 anos, filho de Miguel Gobbi e Camilia Simiani, aqui res. Ela maior de 21 anos, filha de Stanislau Vechinski e Mariana, aqui res. Casaram em 23-02-1916. (cx. 04)

- **GREGOREWSKI, Jerônimo e KRÜGER, Zophia** – aut. 11-05-1920. Ele n. 29-09-1865, Polônia, agricultor, aqui res., filho de Francisco Gregorewski e Joana Ribinska, ele fal. há 26 anos com 64 anos, ela fal. há 36 anos com 40 anos (sic) ambos na Polônia. Ela n. 26-05-1875, Polônia, filha de Martins Krüger e Josefa, ele fal. há 30 anos com 55 anos, ela fal. há 6 anos com 80 anos, ambos neste distrito (sic). Casaram em 03-07-1920. (cx. 04)

- **JAKUBOWSKI, André e CELECKI, Júlia** – aut. 20-04-1916. Ele solteiro, n. Polônia- Russa, res. em São Francisco de Paula, com 37 anos, filho de Thomaz Jakubowski e Catharina Stananowska, esta aqui fal. e aquele aqui res. Ela solteira, n. Polônia-Russa, 30 anos, aqui res., filha de Leopoldo Celecki e Mariana, aqui res. Casaram em 10-05-1916. (cx. 05) (vide abaixo João Krüger e Mathilde Celeski; Alexandre Seliski e Brunissuawa Zegozeski)

- **KALINOWSKI, Julian e JUKNIESKA, Valéria** – aut. 24-11-1919. Ele solteiro, n. 10-01-1866, Polônia, aqui res., agricultor, filho de João Kalinowski e Francisca Perkoska, ele fal. há 4 anos com 84 anos, ela com 77 anos e res. no município de Passo Fundo. Ela n. 13-03-1870, Polônia, solteira, filha de João Juknieski e Francisca Krullicoska, fals., ele com 83 anos, há 4 anos, ela há 3 anos, com 73 anos, na Polônia. Casaram em 29-01-1919. (cx. 04)

- **KLOSINSKI, Alexandre e SAWISKA, Sesuava** – aut. 20-12-1916. Ele 23 anos, solteiro, agricultor, n. RS, filho de Júlio Klosinski e Arnieska Kraieska, aqui res. Ela assina Sawicka, 21 anos, n. RS, solteira, filha de José Sawiski e Magosata, aqui res. Casaram em 21-01-1917. (cx. 04) (vide abaixo Francisco Klosinski e Mariana Zukowska; João Klosinski e

Anastácia Sicoska)

- **KLOSINSKI, Francisco** (no processo: Klochinski) e **ZUKOWSKA, Mariana** – aut. 01-02-1919. Ele n. 20-06-1881, Polônia, agricultor, solteiro, filho de Júlio Klosinski e Agnieska, ambos com 58 anos, res. no município de Boa Vista. Ela n. 19-05-1890, filha de Vicente Zukowski e Paulina, ele aqui fal. há 29 anos com 58 anos, ela aqui res. Casaram em 12-03-1919. (cx. 04) (vide acima Alexandre Klosinski e Sesuava Sawiska; vide abaixo João Klosinski e Anastácia Sicoska)

- **KLOSINSKI, João** (na capa: Kosinski) e **SICOSKA, Anastácia** – aut. 18-12-1916. Ele 26 anos, solteiro, agricultor, n. RS e aqui res., filho de Júlio Klosinski e Agnieska, aqui res. Ela 22 anos, solteira, n. RS, filha de Theofil Sicoski e Maria, aquele aqui fal. e esta aqui res. Casaram em 21-01-1917. (cx. 04) (vide acima Alexandre Klosinski e Sesuava Sawiska e Francisco Klosinski e Mariana Zukowska)

- **KOWALSKI, João** e **STEFANOWSKA, Josefa** – aut. 01-07-1918. Ele solteiro, n. 17-08-1896, São Marcos, agricultor, filho de João Kowalski e Catharina Gowaska, ele aqui fal. há 7 anos e ela com 38 anos, aqui res. Ela solteira, n. 20-06-1897, São Marcos, filha de Czeslaw Stefanowski e Josefa Wazineska, ele com 60 anos, ela com 45 anos, aqui res. Casaram em 25-07-1918. (cx. 04) (vide abaixo Francisco Veronka e Antônia Kowalska)

- **KRÜGER, João** e **CELESCKI, Mathilde** – aut. 02-04-1918. Ele solteiro, n. 24-06-1894, RS, agricultor, filho de Ângelo Krüger e Josefa Miuska, ele com 49 anos, ela com 46 anos, naturais da Polônia-Russa. Ela solteira, n. 03-05-1899, RS, filha de Leopoldo Celeski e Mariana Chilnieska, ele com 57 anos, ela com 54 anos, nats. da Polônia. Casaram em 01-05-1918. (cx. 04) (vide acima André Jakubowski e Júlia Celecki; abaixo: Alexandre Seliski e Brunissuawa Zegozeski)

- **MAZOTTI, David João** e **VIECICOWSKA, Alfreda** – aut. 11/1918. Ele solteiro, n. 27-09-1893, RS, agricultor, filho de João Mazzotti e Arzia Pellizoni, ele com 48 anos e aqui res., ela com 37 anos e fal. há 10 anos no município de Caxias do Sul. Ela n. 02-09-1894, RS, solteiro, filho de João Viecickowski e Julia Seluga, ele com 55 anos, ela com 52 anos, res. no município de Passo Fundo. Casaram em 20-01-1919. (cx. 05)

- **OCTOVICZ, Boleslau** e **MAZOTTI, Cesira** – aut. 17-05-1921. Ele n. São Marcos, 24 anos, agricultor, filho de João Octovicz e Ana Ostoweska, ele fal. há 12 anos com 42 anos, ela com 54 anos, res. no município de Erechim. Ela 21 anos, n. município de Caxias do Sul, filha de João Mazotti e Ergia Felizzoni, ele aqui res., com 50 anos, ela fal. há 12 anos com 37 anos, naquele município. Casaram em 09-06-1921. (cx. 05)

- **POLO, José** e **STODULSKA, Apolônia** – aut. 26-04-1920. Ele n. 27-04-1895, RS, carreteiro, aqui res., filho de Felice Pólo e Páscoa Francischini, nats. da Itália e aqui res, ele com 49 anos, ela com 47 anos. Ela n. 09-04-1899, RS, filha de Jacob Stodulski e Mariana Piachaz, ele com 49 anos, aqui res., ela fal. há 9 anos, com 41 anos. Casaram em 22-05-1920. (cx. 05) (vide abaixo Francisco **ZAKRZESKI** e Zuzana **STODULSKA**)

- **PURGACZ, Eduardo** e **RUDINISKI, Estanislava** (Rudinicki) – aut. 08-09-1919. Ele n. 13-10-1895, RS, solteiro, filho de Antônio Purgacz e Helena, ele fal. há 13 anos com 45 anos, ela com 45 anos e aqui res. Ela n. 14-11-1896, RS, solteira, filha de Simplício Rudiniski e Paulina, ele com 50 anos, ela com 53 anos. Casaram em 13-10-1919. (cx. 05) (vide abaixo Adão Rudinicki e Francisca Zielak)

- **RIFIWSKI, João** e **DANILEWSKA, Brunissuawa** – aut. 18-07-1920. Ele solteiro, agricultor, n. 20-06-1877, Polônia, filho de Casemiro Rifiwski e Catharina Kobielska, ele com 63 anos, res. no município de Passo Fundo, ela aqui fal. há 29 anos. Ela n. 06-03-1883, Polônia, solteira, filha de Voiceh Danilewski e Miguelina Shicowska, ele com 61 anos e ela com 60 anos, res. no município de Lagoa Vermelha. Casaram em 28-08-1920. (cx. 05)

- **ROSENTALSKI, João** e **VERONKA, Mariana** – aut. 20-04-1917. Ele n. 21-06-1895, São Marcos, filho de Pedro Rosentaliski e Francisca, aqui res., ele com 53 anos e ela com 54 anos. Ela n. 19-12-1896, São Marcos, filho de Francisco Veronka e Eva Gansola, ele com 47 anos e aqui res., e ela fal. há 12 anos. Casaram em 12-05-1917. (cx. 05) (vide abaixo Francisco Veronka e Antônia Kowalska)

- **RUDINICKI, Adão** (assina: Rudnicky) e **ZIELAK, Francisca** – aut. 10-11-1917. Ele n. 10-05-1899,

São Marcos, com 18 anos, solteiro, lavrador, filho de Simplício Rudinicki e Paulina Fridrich, aqui res. Ela n. 20-09-1896, São Marcos, solteira, filha natural de José Zielak e Antonina Gostinska, ele aqui res. e nat. Polônia, ela também n. Polônia e res. em lugar incerto e não sabido. Casaram em 26-11-1917. (cx. 05)

(vide acima Eduardo Purgacz e Estanislava Rudiniski)

- **SAWICKI, Carlos e CASTILHOS, Maria Felicidade** – aut. 15-10-1920. Ele solteiro, aqui res., agricultor, n. 02-11-1897, Brasil, filho de Felipe S. e Casemira Stawincka, ele com 55 anos, ela com 46 anos, nats. da Polônia e aqui res. Ela filha de pais ignorados, criada por Aparício Castilhos dos Reis e sua mulher Felicidade Cristina dos Reis, aqui res. Casaram em 20-11-1920. (cx. 05)

- **SELISKI, Alexandre e ZEGOZESKI, Brunissuawa** – aut. 08-01-1918. Ele n. janeiro de 1896 no RS, solteiro, agricultor, aqui res., filho de Leopoldo Seliski e Maria Ciniski, nats. Polônia-Russa, ele com 56 anos, ela com 49 anos e aqui res. Ela n. 24-06-1899, RS, solteira, filha de Keromin Zegozeski e Sofia Kriger, ele com 51 anos, ela com 35 anos, aqui res. Casaram em 07-02-1918. (cx. 05) (vide acima André Jakubowski e Júlia Celecki; João Krüger e Mathilde Celeski))

- **STAVINSKI, João e KLOSINSKA, Francisca** – aut. 16-12-1916. Ele com 43 anos, solteiro, n. Polônia-Russa, agricultor e aqui res., filho de Andrea Stavinski e Margida, ele aqui fal. e ela aqui res. Ela com 48 anos, solteira, n. Polônia-Russa, aqui res., filha de Carlos Klosinski e Agneska, aqui fals. Casaram em 19-01-1917. (cx. 05)

- **STODULSKI, Antônio e ZAKRZESKA, Ana** – aut. 30-04-1916. Ele com 23 anos, n. Rio de Janeiro, agricultor, aqui res., filho natural de Mariana Stodulski, aqui fal. Ela solteira, 17 anos, n. São Marcos, filha de Antônio Zakrzeski e Carolina Kornoroska, aqui res. Casaram em 17-05-1916. (cx. 05) (vide abaixo Francisco Zakrzeski e Zuzana Stodulska)

- **STUDZINSKI, Antônio e STODULSKA, Anastazia** – aut. 10-03-1916. Apenas consta a data de casamento: 11-03-1916, nada mais. (cx. 05)

- **STUDZINSKI, José e KAMINSKA, Maria** – aut. 20-06-1916. Ele com 32 anos, solteiro, lavrador, n. Polônia-Russa, aqui res, filho de (não consta) Studzinski e Mariana Kunoska, aqui res. Ela 28 anos, solteira, n. Polônia-Russa, aqui res., filha de Max Kaminski e Ágata Zdamuwewck (?), res. no município de Guaporé. Casaram em 08-07-1916. (cx. 05)

- **TREVIZAN, José e LEVANDOWSKA, Iagniczka** – aut. 05-09-1920. Ele solteiro, n. 10-09-1897, São Marcos, agricultor, filho de Antônio Trevizan e Luiza Mazon, ele aqui res. com 64 anos e ela fal. há 19 anos com 38 anos (sic) em São Marcos, n.p. Vicente Trevizan e Maria, n.m. Ângelo Mazon. Ela solteira, n. 27-02-1898, São Marcos, filha de Miguel Levandowski e Mariana Gurni, ele aqui res. com 57 anos e ela fal. há 20 anos, com 32 anos (sic). Casaram em 02-10-1920. (cx. 05)

- **VANCHINSKI, Inácio e PATYKY, Magozata** – aut. 20-04-1916. Ele n. São Marcos, com 19 anos, agricultor, aqui res., filho de José Vanchinski e Josefa Busezinska, res. em São Francisco de Paula. Ela 19 anos, n. Brasil, filha de Martins Patyky e Josefa, aqui res. Casaram em 10-05-1916. (cx. 05)

- **VERONKA, Francisco e KOWALSKA, Antônia** ☒ aut. 20-04-1917. Ele n. 27-09-1870, Polônia-Russa, aqui res., agricultor, filho de Vicente Veronka e Mariana, fals. na Polônia. Ela n. 12-06-1889, Polônia-Russa, solteira, filha de João Kowalski, fal. em 1902, e Mariana, fal. há 20 anos. Casaram em 12-05-1917. (cx. 05) (vide acima João Kowalski e Josefa Stefanowska; João Rosentalski e Mariana Veronka)

- **ZAKRZESKI, Francisco e STODULSKA, Zuzana** – aut. 30-04-1916. Ele solteiro, agricultor, n. São Marcos, filho de Antônio Zakrzeski e Carolina Komoroska, aqui res. Ela n. Rio de Janeiro, solteira, filha de Jacob Stodulski e Mariana Pietrzaka, esta aqui fal. e aquele aqui res. Casaram em 17-05-1916. (cx. 05) (vide acima Antônio Stodulski e Ana Zakrzeska; José Pólo e Apolônia Stodulska)

Bibliografia:

- Stawinski, A. V. Primórdios da Imigração Polonesa no Rio Grande do Sul. Caxias do Sul: EST, 1976.

O BIURO SZYFRÓW E A MÁQUINA ENIGMA (4):

A Criptografia e a Segunda Guerra Mundial

Por Czeslau L. Barczak, Doutor em Engenharia e Pesquisador.
czeslaub@yahoo.com

Nos três artigos já publicados desta série, encontra-se uma descrição de como surgiu a famosa máquina de cifração Enigma, seu funcionamento e operação, e como os criptoanalistas poloneses conseguiram descobrir meios para a decifração de importantes documentos originados no governo e nas forças armadas da Alemanha. Poucas semanas antes da invasão do país pela Alemanha em 1939, os chefes do Biuro providenciaram a transferência aos aliados da Polônia, de um segredo cuidadosamente guardado por muitos anos.

A criptoanálise na Europa antes da guerra 1939-1945.

Desde janeiro de 1933 o Biuro Szyfróf esteve decifrando quase todos os documentos secretos da Alemanha codificados pela máquina Enigma, avaliando-se que até dezembro de 1938, foram decifrados alguns milhares desses documentos.

Durante o período entre guerras, a Polônia era o único país no mundo que tinha tal capacidade, podendo-se perguntar por que outros países como França e Inglaterra, com grandes grupos tradicionais de criptoanálise, não estavam em condições de decifrar a Enigma.

O serviço de inteligência francês havia obtido sucesso nos anos da primeira guerra mundial (1914-1918) e durante os anos vinte fazia a decifração regular dos códigos de pelo menos dez países. No entanto, não houve na França interesse pela formação de grupos de matemáticos jovens com o objetivo de empregá-los em criptoanálise.

Na Grã-Bretanha havia vários criptoanalistas e lingüistas de renome. E também ali, o serviço de inteligência inglês não se preparou para estar em condições de quebrar os códigos da Enigma. Neste país havia ainda a suposição de que seu maior inimigo seria a frota japonesa e não a Alemanha, por isso não

considerava prioritários os esforços na solução da Enigma.

Os países aliados tinham réplicas da máquina, porém não tinham qualquer possibilidade de realizar a decifração porque não desenvolveram métodos matemáticos para descobrir as chaves.

Sem a ajuda dos poloneses essas duas grandes potências militares iriam participar de uma guerra sem qualquer possibilidade de decifração dos despachos de um inimigo cujo exército chegou a ser considerado o mais poderoso do mundo. Esta falta de visão poderia ter causado enormes prejuízos para o mundo todo, a guerra teria durado muitos anos mais. Segundo avaliação de alguns autores como Hugh Sebag-Montefiore, os aliados somente teriam acesso às chaves da Enigma da Força Aérea alemã por volta do final de 1941 e as chaves da Enigma Naval somente em fins de 1942. Isso somente ocorreria depois de terem capturado os livros de códigos em operações de guerra.

No final da década de 30 as condições políticas na Europa alteraram-se rapidamente. A invasão da Áustria e da Checoslováquia pelos alemães e as declarações agressivas de Hitler, profetizavam uma Polônia de futuro incerto. Esperando o pior, a administração do Biuro Szyfróf decidiu convocar os chefes da inteligência da França e Grã Bretanha para uma conferência que se revelaria de enorme importância para o futuro da Europa e do mundo.

Um encontro histórico.

Por meio de um telegrama enviado em junho de 1939, o major Langer convidou os chefes dos serviços de inteligência da França e Grã Bretanha para uma reunião em Varsóvia para discutir assuntos relacionados com a Enigma.

A esta reunião, que se deu em Varsóvia de 24 a 26 de julho, compareceram pelo lado francês Gustave Bertrand e Henri Braquenie do *Conserte de Renseignements*, e pelo lado inglês o chefe do *Government Code and Cypher School* comandante Alistair Denniston, o criptoanalista principal Alfred Dillwyn Knox e um terceiro participante que alguns autores afirmam ter sido o especialista em monitoramento de radiodifusão, comandante Humphrey Sandwith.

Primeiramente, os convidados foram entretidos no restaurante do Hotel Bristol, onde se encontraram com os criptoanalistas, Rejewski, Rózycki e Zygalski, além dos chefes do Biuro Szyfrów, Stefan Mayer, Gwidon Langer e Maksymilian Ciezki. Passaram o jantar em agradável conversação, toda realizada em alemão, pois este era o único idioma conhecido pelos três lados. Depois, convidados e anfitriões deslocaram-se para o centro de pesquisas em Pyry, junto à floresta Kabacki, ao sul de Varsóvia. Na sala de criptoanálise os poloneses haviam preparado e espalhado sobre uma mesa o material relativo à máquina.

Quando todos se juntaram em torno da mesa, o major Langer, levantando uma coberta e sem dizer palavra, mostrou o que estava sobre a mesa: as Bombas de Rejewski. Franceses e ingleses ficaram imensamente surpresos e admirados, pois não tinham qualquer noção sobre os progressos dos poloneses na decifração da Enigma. Depois de um momento de silêncio, o general Bertrand perguntou: "De onde vocês conseguiram isto?", ao que Langer respondeu: "Fizemos tudo sozinhos."

Depois de muitas perguntas, o comandante Denniston pretendeu telefonar para Londres com a intenção de pedir que lhe enviassem um projetista e um electricista para copiar os projetos da máquina. Porém o major Langer, alegando que tinha mais para mostrar, levou-os à sala seguinte onde foram demonstradas outras invenções polonesas. As técnicas de decifração do Biuro estavam pelo menos uma década à frente de qualquer país, fato que deixou os convidados atônitos, principalmente franceses, porque boa parte do trabalho estava apoiado em material da própria espionagem francesa.

Os poloneses haviam preparado duas cópias da máquina Enigma para entregar a seus convidados, além de conjuntos completos de diagramas e projetos e os dados matemáticos envolvidos na decifração. Franceses e ingleses não tinham palavras de reconhecimento e gratidão pela divulgação de tal segredo e Denniston quase não conseguia acreditar no que via e ouvia. Esta foi, talvez, a maior contribuição dos poloneses para seus aliados. O material foi transferido para Paris e, menos de um mês depois, Bertrand enviou uma das cópias da Enigma e da documentação na bagagem

diplomática britânica para Londres, onde foi entregue ao chefe da inteligência britânica, coronel Steward Menzies.

Cinco semanas depois daquela reunião em Varsóvia, a 1º de setembro de 1939, os exércitos alemães invadiram a Polônia.

Fuga para Paris

Sabendo de antemão, pela documentação alemã decifrada, que a invasão da Polônia era iminente, os chefes do Biuro providenciaram a remoção de seu pessoal para a Romênia. Rejewski, Zygalski e Rózycki evitaram sua internação em um campo de refugiados e foram para Bucarest, onde procuraram a Embaixada Britânica. Os oficiais britânicos de serviço simplesmente disseram que deveriam voltar em de alguns dias. Temendo serem descobertos, dirigiram-se à Embaixada Francesa onde se identificaram como "amigos de Bolek", nome de código de Bertrand. O oficial de serviço fez contato com seus superiores recebendo instruções para providenciar a transferência imediata dos três matemáticos para a França.

Rejewski e seus companheiros foram aquartelados no Chateau de Vignoles, nas proximidades de Paris. Neste castelo estava instalado o centro de inteligência francês denominado PC-Bruno. Ali, voltaram a se ocupar com a decifração da Enigma modificada, agora com cinco rotores e dez cabos de plugues, cujas chaves acabaram por descobrir no final do ano. O centro PC-Bruno colaborava com o novo centro britânico de criptoanálise em Bletchley Park que havia sido criado pouco antes, fazendo contatos por teletipo. As mensagens eram criptografadas por uma máquina Enigma e eram terminadas com um irônico "Heil Hitler".

A aplicação dos métodos poloneses na Grã Bretanha.

A equipe de criptoanalistas em Bletchley Park, de modo similar ao Biuro Szyfrów, começou a ter incorporados vários matemáticos, entre eles o genial Alan Turing, convidado pelo serviço secreto inglês para fazer parte da equipe em setembro de 1939. Aproveitando-se das descobertas e dos métodos desenvolvidos pelos poloneses, iniciaram a luta criptoanalítica contra a Alemanha, algo que pouco tempo antes não

tinham quaisquer esperanças de realizar.

Em Bletchley Park havia sido acumulado um grande número de mensagens anteriores decifradas. Turing observou que muitas obedeciam a uma estrutura rígida. Uma pista, por exemplo, seria fornecida por certas palavras que apareciam em mensagens de navios meteorológicos da Alemanha, difundidas por rádio sempre no mesmo horário. Usando as estratégias idealizadas por Rejewski, Turing percebeu a existência de laços entre as cifras, não mais relativos à mensagem-chave do tipo HGBHGB utilizadas por Rejewski, mas palavras contidas nas mensagens que dependiam da origem e do horário em que eram emitidas. Tais palavras foram denominadas "cribs" (plágio ou pista) pelos criptoanalistas ingleses. Procuravam novos métodos, pois havia o permanente receio de que o sistema de chave dupla no preâmbulo das mensagens seria modificado pelos militares alemães tão logo percebessem que essa repetição era um erro na cifração, uma pista para decifração.

Encontro com Alan Turing

Quatro meses mais tarde, foi organizado pelo Deuxième Bureau francês, um grupo de trabalho com ingleses, entre os quais estava Turing, criptoanalistas poloneses e franceses além de Bertrand e Langer. A razão principal desse encontro que teria ocorrido no início de janeiro de 1940, parece ter sido procurar uma solução para algumas dificuldades que surgiram com a introdução pelos alemães dos rotores IV e V da Enigma.

Nas conversas trocaram dados sobre os erros dos operadores alemães, as Bomby de Rejewski e as folhas perfuradas de Zygalski. Estas folhas eram agora mecanizadas em Bletchley Park, não mais feitas à mão, e enviadas pelos britânicos para os poloneses que estavam, nesta época, sediados em Gretz-Armainvillers, próximo de Paris. Os ingleses estavam construindo as Bomby de Rejewski e reproduzindo as folhas de Zygalski para todas as 60 possíveis combinações dos cinco rotores. A decifração das mensagens da Força Aérea da Alemanha estava em bom curso, mas pouco tempo depois, a Força Aérea abandonou o sistema de chave dupla.

Em maio deste mesmo ano a situação

político-militar na Europa alterou-se mais uma vez, a França assinou o armistício que permitiu a entrada dos exércitos da Alemanha no país.

Novamente em fuga

Por causa da nova situação da França, o centro PC-Bruno foi desmantelado, Rejewski e seus colegas foram evacuados para a Algéria, onde continuaram seus trabalhos de criptoanálise. Porém em setembro estavam de volta à França e passaram a trabalhar secretamente na parte não ocupada do território francês, em Vichy. O centro de inteligência denominado Cadix foi montado no Chateau des Fouzes e logo estavam ocupados decifrando mensagens alemãs.

Em meados de 1941, Rejewski e Zygalski foram designados para verificar a segurança das mensagens cifradas pela máquina fabricada na Polônia chamada Lacida ou LCD. Esta máquina estava sendo usada para cifrar mensagens trocadas entre o centro Cadix e o comando polonês em Londres. A Lacida polonesa era uma máquina com rotores usando os mesmos princípios da Enigma alemã, porém não tinha o painel de plugues para troca de letras. A denominação Lacida derivou dos nomes **L**anger, **C**iezki e **D**anilewicz. Rejewski e Zygalski conseguiram decifrar em cerca de duas horas uma mensagem cifrada nessa máquina. Essa façanha causou consternação nos dois centros de inteligência, pois supunham que a máquina era segura. Em dias subsequentes decifraram igualmente outras mensagens, demonstrando algumas fraquezas da Lacida. Após a guerra, Rejewski comentou que Lacida tinha dois pontos fracos: a ausência do painel de plugues e a fiação interna do refletor.

No ano de 1942 o mais novo dos criptoanalistas poloneses, Jerzy Rózecki desapareceu com o afundamento do navio em que viajava da Algéria para Cadix. Outro problema surgiu em meados do ano, quando o restante do território francês passou a ser ocupado pelas forças militares da Alemanha. A manutenção do trabalho em Cadix tornou-se perigosa. As transmissões pelo rádio estavam sendo monitoradas pelo exército alemão e havia o risco de serem descobertos. No início de novembro um veículo alemão equipado com antena especial chegou às portas do castelo, mas por sorte,

os alemães não descobriram nenhuma emissão. Em vista dessa ocorrência, os responsáveis pelo centro deram a ordem de evacuar o local. Três dias depois de Cadix ter sido desmontado tropas alemãs ocuparam o castelo.

Rumo à Grã Bretanha

Novamente, Rejewski e Zygalski tiveram que escapar. Primeiramente, eles foram transferidos para Nice, região ocupada pelo exército italiano. Considerados suspeitos, tiveram que se esconder e permanecer em movimento constante, em andanças pela costa sul da França. Afinal chegaram às proximidades da fronteira espanhola. Ali, acompanhados de um guia, iniciaram uma caminhada através dos Pirineus, evitando as patrulhas alemãs. Ao chegarem perto da fronteira espanhola, o guia apontou uma pistola e exigiu todo o dinheiro que eles ainda tinham. Felizmente, apesar de roubados, conseguiram cruzar a fronteira. Porém, logo em seguida, foram presos pela polícia de segurança espanhola e passaram uma longa temporada em uma prisão. Com a intervenção da Cruz Vermelha, foram libertados em março do ano seguinte e, mais tarde, transferidos para Portugal, de lá para Gibraltar e, finalmente, para a Grã Bretanha aonde chegaram em agosto.

Logo foram convocados pelo Exército Polonês na Grã Bretanha e empregados na decifração de documentos cifrados pelos sistemas SS e SD. Ignorando o que se passava em Bletchley Park, Rejewski e Zygalski nunca lá estiveram e durante a guerra em nada puderam contribuir nos trabalhos relacionados com a Enigma, cuja decifração era agora uma exclusividade de ingleses e americanos. Por causa do segredo absoluto mantido em tudo o que se referia à Enigma, em Bletchley Park poucas pessoas sabiam sobre a contribuição dos poloneses. Segundo a opinião de Alan Stripp, um criptoanalista britânico que trabalhou em Bletchley Park, "utilizar Rejewski e Zygalski na decifração dos sistemas SS e SD era como usar cavalos de corrida para puxar carros".

Um sigilo mantido por décadas.

Terminada a guerra, o governo britânico decidiu manter sigilo sobre a evolução da criptoanálise naquele país. Qualquer pessoa que

tivera alguma relação com os trabalhos de decifração ou com algum dos centros de inteligência, comprometeu-se a permanecer em silêncio, não comentar sobre sua participação nos serviços de criptoanálise ou mesmo sobre a Enigma.

A primeira publicação sobre o assunto apareceu em Varsóvia no ano de 1967: *Bitwa o Tajemnice - Sluzby Wywiadowcze Polski i Rzeszy Niemieckiej 1922-1939* de Wladeslaw Kozaczuk (A Batalha dos Segredos - Serviços de Espionagem da Polônia e o Reich Alemão 1922-1939). Pouco divulgado no ocidente o livro não repercutiu e somente seis anos depois, quando apareceu o livro escrito pelo General Gustave Bertrand *Enigma ou La plus Grande Énigme de La Guerre 1939-1945*, é que o livro de Kozaczuk tornou-se conhecido. Nestas duas obras a participação dos criptoanalistas poloneses e do Biuro Szyfrów na solução da Enigma é bem estabelecida.

Até início dos anos 70 os alemães não sabiam que sua correspondência militar havia sido decifrada desde os anos 30 e durante toda a guerra. A ausência de informações sobre o assunto por tanto tempo após o término da guerra foi de tal ordem que acabou gerando alguns equívocos históricos. Um dos mais graves foi provocado por um coronel da aviação britânica que publicou o livro *The Ultra Secret*, no qual ele credita exclusivamente aos ingleses a decifração da Enigma. Embora baseado em informações colhidas nos meios oficiais britânicos contém muitos erros e as proezas de poloneses não são comentadas.

Outra questão histórica envolve o computador ENIAC, construído em 1945, e considerado por muito tempo como o primeiro computador eletrônico do mundo. Sabe-se hoje que em Bletchley Park haviam utilizado o Colossus na decifração de mensagens trocadas entre Hitler e seus generais, cifradas pelo sistema Lorentz. Colossus era um computador programável construído com válvulas eletrônicas em 1943. Porém, ao terminar o conflito, o governo britânico ordenou a desmontagem e destruição completa de todos os equipamentos que haviam sido construídos, inclusive as Bomby e Colossus.

Tanto segredo fez com que até hoje pouco se comente nos meios de divulgação em informática e computação sobre a existência da Enigma, das Bomby de Rejewski e do computador

Colossus, que teriam sido máquinas precursoras dos computadores modernos, tal como a famosa máquina analítica de Charles Babbage.

Documentários.

O filme-documentário "*Sekret Enigmy*"¹ foi produzido na Polônia em 1979 sob a direção de Roman Wionczek contando a história da decifração da Enigma, no qual Rejewski e seus companheiros são apresentados como heróis. Pouco depois, a série "*Tajemnice Enigmy*"² dirigida por Krzysztof Kłopotowski foi veiculada pela TV polonesa apresentando o mesmo tema.

No entanto, merecendo uma crítica muito desfavorável, o filme distribuído em 2000 denominado "*Enigma*", é totalmente equivocado, repleto de erros propositalmente feitos para dar a entender que a decifração da máquina teria sido uma façanha exclusivamente inglesa. Ainda hoje, em virtude de pesquisa mal feita ou talvez propositalmente, erros similares podem ser encontrados em alguns "blogs" na Internet, onde Rejewski é considerado "um alemão" e, em outro, chamado de "polonês maluco". Obviamente, tais "blogs", assim como o filme inglês *Enigma*, não merecem crédito!

Reconhecimento.

Henryk Zygalski permaneceu na Grã Bretanha após a guerra e foi professor de matemática estatística na Universidade de Surrey até sua aposentadoria. Nunca fez qualquer comentário, nem mesmo a seus colegas, sobre a Enigma ou de sua participação na decifração. Pouco antes de seu falecimento em 1978, recebeu o título de Doutor Honoris Causa e todos os créditos por sua participação na decifração da Enigma.

Marian Rejewski retornou à Polônia em 1949. Recusou um convite para lecionar na Universidade de Poznan preferindo residir com a família em Bydgoszcz, onde trabalhou discretamente como supervisor na fábrica da Kabel Polski. Ninguém sabia de suas excepcionais qualidades como matemático. Por

muitos anos foi perturbado pela UB (Urząd Bezpieczeństwa = Polícia Secreta) porque que não participava socialmente nem se inscrevera no Partido Comunista. Chegaram ao ponto de tentar persuadir o diretor da empresa a despedi-lo, mas este recusou alegando que Rejewski era um sujeito quieto, não perturbava ninguém e não se interessava por política. Finalmente durante o governo Gomulka o deixaram em paz. No final de sua vida, Rejewski recebeu diversas condecorações e ainda se dedicou à publicação de artigos sobre criptoanálise. Faleceu em 1980.

Em 2000, Rejewski, Zygalski e Różycki foram homenageados postumamente com a Grande Cruz da Ordem da Polônia Restituta e a War Medal 1939-1945 concedida pela British Chief of Defense Staff. Em Bletchley Park há uma placa em memória aos três poloneses e em Bydgoszcz, cidade natal de Rejewski, há uma rua com seu nome e um memorial com uma escultura em bronze.

Referências (veja outras referências nos artigos anteriores)

Sebag-Montefiore, H., (2000), **Enigma: the Battle for the Code**, London, Weidenfels & Nicolson.

Sugestões de Leitura

Kahn, D., (1996), **The Codebreakers**, Scribner, NY.

Kozaczuk, W, (1979), **W kregu Enigmy**, Warszawa (tradução documentada para o inglês: **Enigma: How the German Machine Cipher was Broken, and How it was Read by the Allies in World War Two**).

Singh, S., (2001), **O Livro dos Códigos**, Ed. Record.

Welchman, G., **From the Polish Bomba to British Bombe: the Birth of Ultra**, Intelligence and National Security, 1 (1), January 1986.

¹ Wionczek, R., *Sekret Enigmy*. Disponível em <http://www.film Polski.pl>. Acesso em 14/07/2008.

² Kłopotowski, K., *Tajemnice Enigmy*. Disponível em <http://www.tvp.pl/tvhistoria>. Acesso em 14/07/2008.

O ARQUITETO DOS DEUSES EM ERECHIM

Por Fabricio José Nazzari Vicroski, Historiador.
fabriciopolska@hotmail.com

É indiscutível a contribuição advinda da Polônia na formação da nação brasileira, sobretudo, na região Sul do país, onde a imigração polaca ocorreu de forma mais expressiva, especialmente a partir do século XIX.

Pode-se destacar inúmeras personalidades com intensa atuação em áreas como a política, medicina, engenharia, arquitetura, entre outros ofícios, alguns deles pioneiros em suas áreas, além, é claro, da grande massa de inomináveis camponeses, que, juntamente com levas de imigrantes de outras nacionalidades promoveram intensas modificações no sistema de produção agrícola do país, contribuindo explicitamente para o seu desenvolvimento econômico.

Gostaria, no entanto, de ater-me neste momento a apenas um destes aspectos, precisamente a contribuição ao meio artístico, descrevendo, de forma breve, a história do célebre artista plástico **Arystarch Kaszkurewicz**, e mais especificamente seu legado presente na forma de arte interna na Catedral de Erechim, município situado no norte do Estado do Rio Grande do Sul, região que recebeu grandes contingentes de imigrantes polacos.

Nascido em 1912, já em seus primeiros anos de infância Arystarch Kaszkurewicz viu o seu país ocupado e partilhado entre a Rússia, Prússia e Áustria, teve ainda o infortúnio de presenciar as duas grandes guerras do século XX, logo após a 1ª Guerra Mundial (1914-1918), a Polônia finalmente recupera sua independência no dia 11 de novembro de 1918, e o futuro artista cresce num país livre.

No entanto, é a 2ª Guerra Mundial (1939-1945) que deixa marcas profundas em Kaszkurewicz, pois a explosão de uma granada o fez perder as duas mãos e o olho esquerdo. A guerra fez com que abandonasse sua terra natal, e no ano de 1952 chega ao Brasil¹, estabelecendo-se inicialmente em São Bernardo do Campo, no Estado de São Paulo.

¹ Sua entrada no Brasil só foi possível em virtude de uma série de articulações, pois um decreto da época proibia a entrada de portadores de necessidades especiais no país, o que só foi possível com uma autorização do então presidente Getúlio Vargas.

O artista, também formado em direito e fluente em nove idiomas, era especialista em afrescos, vitrais e mosaicos, encontrando grande destaque na Arte Sacra, à qual dedicou-se intensamente.

No ano de 2004 a jornalista Raquel Bueno, contando com o patrocínio da Eletrobrás, lançou um livro intitulado *Aristarch - O Arquiteto dos Deuses*², onde apresenta um belo resgate fotográfico das obras de Kaszkurewicz espalhadas por doze cidades brasileiras, uma pesquisa que lhe exigiu nada menos que sete anos de trabalho.

Suas obras estão espalhadas por 28 cidades brasileiras, desde o interior gaúcho como nas catedrais de Erechim e Passo Fundo ao nordeste do país, como no caso da catedral de São José em Fortaleza, no Ceará, além de cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Campinas, Santo André, Cuiabá, entre outras, e também no exterior, como Montevidéu no Uruguai.

Em Erechim, podemos observar sua obra realizada com a técnica do esgrafito³ na Catedral São José, são quatorze painéis com dimensões de 3,57m de altura por 2m de largura representando a via-sacra (Ver figura 1), além de três painéis maiores, um representando o batismo com 8,65m de altura e 3,66m de largura (Ver figura 2), outro a ressurreição com 8,65m de altura e 3,76m de largura, e por fim, um maior no centro com 8m de altura e retratando a santa ceia, 15,95m de largura (Ver figura 3), é neste painel de destaque que o artista discretamente deixou uma marca, uma alusão a Polônia, sua terra natal, trata-se da *Orzel Bialy*, ou seja, a Águia Branca, Sob a sigla **JHS** (do latim *Jesus Hominum Salvator* - Jesus Salvador dos homens).

A águia é um símbolo com forte significado para os



Figura 1: Um dos painéis da via sacra

Foto: Fabricio J. Nazzari Vicroski

² BUENO, Raquel. *Aristarch - O Arquiteto dos Deuses*. Eletrobrás. Campinas, SP: Ed. do autor, 2004.

³ A técnica do esgrafito consiste basicamente em desenhos ornamentais a fresco que imitam o relevo.

polacos, relacionado à própria fundação do país, e neste caso Kaszkurewicz representou-a com a coroa, fazendo uma alusão à Polônia independente, soberana (Ver figura 4).

Para observadores desavisados, este é um elemento que provavelmente passará despercebido, no entanto, para um admirador com um conhecimento conciso acerca da história deste artista, sua obra poderá eventualmente fornecer outros significados.



Figura 2: Painel representando o batismo de Jesus

Foto: Fabricio J. Nazzari Vicoski



Figura 3: Painel representando a santa ceia ao centro

Foto: Fabricio J. Nazzari Vicoski



Figura 4: A águia branca com a coroa sob a sigla JHS

Foto: Fabricio J. Nazzari Vicoski

Além dos referidos painéis, existem símbolos menores em baixo-relevo espalhados pela catedral, quem sabe uma análise minuciosa possa resultar em outras interpretações. Os painéis laterais representando o batismo e a ressurreição estão ricamente decorados nas laterais, e sem muito esforço percebe-se uma

certa semelhança com as formas geométricas dos *Wycinanka* (Ver figura 5), uma técnica artesanal muito popular na Polônia que consiste em recortar e colar pedaços de papel que combinados compõem formas geométricas com diversos estilos e motivos destinadas a decorar as residências, a primeira vista similares a um crochê.

O fato de não possuir as mãos torna inevitável uma analogia com o mineiro Antônio Francisco Lisboa, o célebre Aleijadinho, ambos amarravam seus instrumentos de trabalho ao corpo, e não permitiram que suas limitações físicas suprimissem o talento artístico.

Aristarch faleceu em 1989, e neste mês de fevereiro, mais precisamente no dia 12, estaria completando 97 anos de idade. Fica, portanto, a homenagem a mais este ilustre polaco radicado no Brasil, não apenas um grande artista, mas também, um exemplo de superação.



Figura 5: A decoração lembra os *Wycinanka*

Foto: Fabricio J. Nazzari Vicoski

REFERÊNCIAS

BUENO, Raquel. *Aristarch* □ *O Arquiteto dos Deuses*. Eletrobrás. Campinas, SP: Ed. do autor, 2004.

MALCZEWSKI, Zdzislaw. *Polskie ślady w Brazylii*. Disponível em: <<http://www.kurier.iap.pl/sosiedzi/sosiedzi.php>>. Acesso em: 11 fev. 2009.

PALDES, Julaine. *Wycinanki* □ *Recorte e Colagem*. Revista Cekaw, Ano II, nº 5. Porto Alegre: 2008.

IAROCCHINSKI, ULISSES. *Saga dos Polacos* □ *A Polônia e seus emigrantes no Brasil*. Curitiba: U. Iarochinski, 2000.

<<http://www.catedralsaojose.org.br/index.php>>. Acesso em: 11 fev. 2009.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Arystarch_Kaszkurewicz>. Acesso em: 11 fev. 2009.

BRASILEIROS SE ENCANTAM COM A POLÔNIA

Por Iraci José Marin.
marin.advogados@brturbo.com.br

Um grupo da BRASPOL empreendeu viagem à Polônia, com apoio da Wspólnota Polska. O objetivo da viagem foi o de mostrar aos braspolinos algumas características culturais do País. São a seguir apresentados alguns lugares visitados - museus e galerias subterrâneas - que contam por si mesmos um pouco da história polonesa e revelam a cultura e o trabalho daquele povo, através dos séculos.

Museu temático

O grupo visitou o Museu de Arquitetura Popular, um parque temático construído numa área de 38 ha, criado em 1958, em Sanok, ao lado do rio San. Ali foram reconstruídas igrejas e casas, transferidas de diferentes lugares das imediações e reinstaladas com as devidas restaurações, para formarem um museu rural, a céu aberto (chamado skansen). Algumas construções datam do século XVII. É considerado o museu ao ar livre mais bonito da Europa.



Casa Paroquial (Museu de Arquitetura Popular).

As construções são de madeira e em geral cobertas de capim, destacando-se, então, as construções religiosas (católica e ortodoxa, com suas imagens e ícones), as construções públicas (escola, taverna, albergue), construções industriais (moinho, ferraria) e as moradias dos camponeses, onde todos os seus bens eram guardados, junto à família: instrumentos de trabalho, produtos agrícolas e até os animais. No interior das construções estão os móveis,

instrumentos e utensílios que puderam ser recuperados.

Ao final do passeio pelo Museu, o grupo foi recepcionado com o tradicional 'ognisko': as pessoas assam no fogo uma linguiça espetada numa vara (naquele dia, foi aceso no meio da neve!), e comem com pão. Enquanto assam a linguiça, os participantes entoam cantos de sua cultura e conversam sobre seu dia a dia.



Casa no Museu de Arquitetura Popular.

Museu do petróleo

O grupo visitou também o Museu do Petróleo, construído no interior de uma reserva florestal, na região de Bóbka, no sudeste polonês. É formado por casas, poços perfurados à mão, máquinas perfuratrices primitivas, ferraria, torres (as mais antigas, de madeira), inúmeras lamparinas que foram produzidas no decorrer dos anos, fotos, desenhos, máquinas e instrumentos de diversas épocas, para as mais diversas utilidades, utensílios diversos, e a casa do 'descobridor' do petróleo.

O mundo conheceu o petróleo quando um químico, chamado Ignácio Lukasiewicz, em 1872, começou a estudar um líquido pastoso e escuro que brotava na superfície do solo, naquela região. Como resultado, o 'precioso líquido' passou a ser utilizado para a iluminação e a conservação das madeiras. E assim estava descoberto o petróleo! Além de descobrir o petróleo e sua utilidade, Lukasiewicz foi também o inventor do lampião a querosene e, a partir deste invento, foi iniciada toda uma tecnologia de iluminação nas casas.

Com o tempo, o petróleo passou a ser explorado cada vez mais e a ser utilizado para outras coisas; os poloneses começaram a

perfurar poços na base da picareta, com auxílio de pás e baldes para retirar a terra e as rochas; alguns poços chegaram a 200m de profundidade; ainda hoje se observa o petróleo brotando num poço de 50m, que foi o segundo aberto à mão. Posteriormente, o método de extração do petróleo foi sendo aperfeiçoado, com o aproveitamento das máquinas.

O máximo de exploração do petróleo foi alcançado há 160 anos; por muito tempo, a Polônia foi o maior produtor de petróleo no mundo.



Brasileiros com carteiro polonês.

Mina de sal de Wieliczka

Também foi oportunizada visita à mina de sal de Wieliczka, próximo de Cracóvia; constitui-se em uma escavação em forma de galerias de aproximadamente 250 km, dos quais cinco são destinados para exploração turística, que já ocorria no século XII – até Nicolau Copérnico esteve no local, que hoje abriga bares, capelas e oratórios (destacando-se a capela de Sta. Kinga, a 101m de profundidade, onde são feitos casamentos, formaturas, etc), escadarias de madeira, salas de recepção com palco para apresentações, etc. Até um hospital existe ali, nas galerias subterrâneas, para tratamento de doenças das vias respiratórias. Em alguns lugares, há escoras de troncos de madeira, justamente para sustentar as paredes ou teto, para assim prevenir desmoronamentos.

A Mina de Sal de Wieliczka é resíduo da evaporação das águas na era do mioceno. Já havia alguma exploração do sal, na região, no século XI: as águas salgadas surgiam na superfície da terra, e assim eram aproveitadas pelos camponeses, que faziam a decantação. A exploração passou a ser mais intensa a partir do século XII: as águas salgadas superficiais

foram se esgotando e por isto tiveram que ser construídos poços para extrair o sal de regiões mais profundas; este método de exploração possibilitou a descoberta do 'sal gema'. Os mineiros de Wieliczka, lenta e obstinadamente, foram explorando a mina e descobrindo seus segredos e mistérios. Depois, foram escorando com madeiras os espaços vazios, de onde tinha sido retirado o sal, para escorar as paredes e assim conservar passagem pelas galerias. Estima-se que tenham sido retirados 7,5 milhões de metros cúbicos de sal desta mina. Hoje, a exploração salina se dá pela decantação do sal dos 170 pequenos lagos interiores existentes na Wieliczka.

Em 1978, a Mina de Sal de Wieliczka foi declarada pela UNESCO como a primeira da lista dos monumentos do Patrimônio Mundial de Cultura e Natureza. Em 1994, foi declarada Monumento Nacional da Polônia.



Salão de festas no interior da mina de sal de Wieliczka.



Santuário de Czestochowa.

Galerias subterrâneas medievais

Outra experiência fantástica para o grupo foram as caminhadas pelo interior das galerias

subterrâneas, construídas na Idade Média.

A cidade de Sandomierz era local de encontro dos mercadores; ali foi construída uma galeria de aproximadamente 5km; mas só estão abertos e restaurados em torno de 10% da mesma; o restante foi aterrado, devido ao risco de desmoronamento, em razão do tipo de terreno e rocha existentes ali; a cidade antiga (do período medieval) tinha outra cidade por baixo, no interior da terra, com salas de negócio e salas, onde os mercadores guardavam suas mercadorias, em ambiente adequado, e até celas; as galerias subterrâneas também eram utilizadas para proteção e refúgio dos ataques de invasores bárbaros.



Galeria subterrânea de Sandomierz.

Em Rzeszów, as galerias subterrâneas estão localizadas sob a praça da Prefeitura, e possuem 369m de extensão, chegando a 15m de profundidade. O trajeto original é maior, pelo que foi pesquisado; mas há risco de desmoronamento, uma vez que há prédios construídos em cima. Elas também eram utilizadas pelos mercadores medievais. Tinham



Castelo de Wawel em Cracóvia.

sido entulhadas pelos russos, durante a Segunda Guerra. Foram descobertas em 1990, e há um ano foram concluídos os trabalhos de recuperação de uma parte das galerias e agora podem ser visitadas por turistas.



Igreja Mariana em Cracóvia.



Casa campestre, próximo a Krosno.



Casa em Zakopane.